

## “TURMA PROBLEMA”: RECONSTITUIÇÃO DE UMA RELAÇÃO EDUCATIVA

Marina Antunes Rodrigues<sup>1</sup>  
Alessandra Nielsen Bataioli<sup>2</sup>  
Francisco Dos Santos Kieling<sup>3</sup>

### RESUMO

Com o objetivo de compreender e criar estratégias que orientem a ação no contexto de alunos resistentes ao ambiente escolar, o presente relato de experiência trata e faz a análise de atividades realizadas a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) com a turma problema, o primeiro ano do Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Félix da Cunha, em Pelotas-RS. O trabalho aborda dinâmicas e obstáculos encontrados no desenvolvimento das atividades do PIBID, apontando como causa do comportamento dos alunos em sala de aula o contexto sociocultural e familiar em que se inserem. Observa também a forma como o grupo do PIBID construiu relações com os alunos durante as atividades, na medida em que compreendia a dinâmica aluno-escola-PIBID. O relato possui como referência o texto “A Instituição do Fracasso” de Lorena Freitas, com o intuito de compreender a (re)produção do fracasso dentro e a partir da instituição escolar, além de contar com as reflexões propostas por Paulo Freire em “Pedagogia da Autonomia” para pensar a construção de alternativas. Nas análises feitas, observou-se a importância da apreensão do contexto individual e escolar de cada aluno e como esses elementos refletem no comportamento e no conceito de “fracasso escolar”.

**Palavras-chave:** Fracasso escolar, Contexto sociocultural, Dinâmicas, Relações.

### INTRODUÇÃO

O PIBID tem como um dos seus objetivos iniciar o aluno de licenciatura na prática docente, sendo grande laboratório, um espaço onde teorias são testadas, crenças são desmistificadas e muito do que se propõe enquanto padrão educativo, valores profissionais e realidade da educação é confrontado.

Este trabalho relata a experiência de duas educadoras em formação, aborda esse processo de desmoronamento e reconstrução constante, possibilitado pelo contato direto com um grupo muito especial de estudantes do primeiro ano do ensino médio noturno do Colégio

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, [antunesmarina415@gmail.com](mailto:antunesmarina415@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, [alessandranbataioli@gmail.com](mailto:alessandranbataioli@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia (UFRGS), Professor do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, [franciscokielsing@gmail.com](mailto:franciscokielsing@gmail.com).



Estadual Félix da Cunha, distante apenas uma quadra de onde as autoras estudam. Confrontando-se com uma turma mista em idade, raça e gênero, descrita como problemática, essas estudantes se propuseram uma sucessiva série de desafios: primeiro, ensinar sociologia, falhando nisso, derrubar barreiras e encurtar distâncias, e por último, tropeçando bastante, construir vínculos humanizados com alunos que haviam sido por muito tempo negligenciados dentro da instituição educativa.

No relato refletimos sobre o que é fracasso escolar com o apoio da autora Lorena Freitas, em seu texto *A instituição do fracasso* (2009). Este se tornou uma referência útil para compreender parte dos alunos que compunham a turma, já que este tema pairava sobre nossas cabeças mesmo antes de conhecê-los. Também utilizamos muitas ideias de Paul Willis, retiradas do livro *Aprendendo a ser trabalhador* (1991), quando percebemos que muitos dos estudantes trabalhavam e se relacionavam com a escola a partir desta realidade. Nas entrelinhas, Paulo Freire acompanhou toda a construção, da prática ao conjunto do trabalho apresentado, sempre sensibilizando e lembrando a importância do que é ser professor e ser humano, ensinamentos apreendidos sobretudo com a leitura de *Pedagogia da Autonomia* (2009).

Com o objetivo de tornar a prática reflexiva, analisamos teoricamente as experiências desenvolvidas ao longo do ano de 2025 na escola, reunindo relatos das principais atividades e especialmente dos avanços e retrocessos que marcaram este período, colocando-as sob as lentes sociológicas dos autores que compõem nosso referencial teórico. A partir disso pudemos observar a subjetividade contida no processo de ensino; a urgência em discutir e transformar a precariedade da educação pública que mantém jovens aprisionados em uma estrutura que os invisibiliza e os guia ao fracasso; e a necessidade de uma pedagogia humanizadora, que crê na educação como processo para construção do ser.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do trabalho com a turma baseou-se na proposta de pesquisa participante (BRANDÃO, 1984). Organizamos os registros em duas etapas: a primeira, foi a esquematização de um quadro que descreve a data do encontro com a turma, a atividade proposta e um breve resumo dos principais resultados obtidos no encontro. Na segunda parte, analisamos o quadro a partir dos autores selecionados e daquilo que compreendemos sobre o processo de ensino em termos de circunstâncias e condições, sobre os estudantes enquanto indivíduos marcados por trajetórias escolares e de vida diversas e adversas, e sobre nosso



papel enquanto educadoras em formação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No quadro 1, são apresentadas as atividades realizadas junto à turma de primeiro ano do Ensino Médio noturno, do Colégio Félix da Cunha, durante o ano de 2025. Indica-se a data de realização, a síntese da proposta de atividades e os resultados.

**Quadro 1 - Atividades do PIBID - Colégio Estadual Félix da Cunha**

Dia	Atividade	Resultados
17/03/2025	Aplicação de um questionário de condições gerais de escolarização por meio do Google Forms, na sala de informática.	Alguns alunos apresentaram dificuldades técnicas para acessar o sistema, resolvidas com auxílio do grupo. Houve resistência de parte da turma, com respostas sarcásticas. Identificou-se uma aluna com dificuldades de leitura e interpretação, que necessitou de acompanhamento.
24/03/2025	Roda de apresentação entre pibidianas e alunos.	A maioria dos alunos mostrou-se tímida, enquanto alguns se apresentaram com mais facilidade, outros ainda, pareciam não ver sentido na proposta e ou não se apresentaram ou se apresentaram forçosamente, depois de alguma insistência. A atividade permitiu observar formas de interação e comportamento em sala de aula.
31/03/2025	Apresentação da proposta da atividade com fotos, onde os alunos deveriam registrar locais e situações de seu cotidiano e relacioná-las com a sociologia.	Os poucos alunos presentes acompanharam a apresentação e receberam orientações para a atividade. Não demonstraram nenhum interesse ou engajamento em particular, e a maior parte manteve-se distante.
14/04/2025	Os alunos fizeram fotos da escola e realizamos uma introdução ao uso de Inteligência Artificial para gerar imagens semelhantes às produzidas por eles com a IA.	Apenas um aluno havia realizado a atividade inicialmente. A proposta foi adaptada e as fotos foram feitas no ambiente escolar. Ainda assim, alguns não quiseram participar. Houve dificuldades técnicas com o acesso à IA nos Chromebooks, sendo necessário o uso de celulares. Para muitos alunos, foi o primeiro contato com ferramentas de IA.
28/04/2025	Comparação entre fotos originais dos alunos e imagens geradas por Inteligência Artificial.	O nível de envolvimento foi razoável. Alguns alunos responderam nossos questionamentos e construíram reflexões sobre semelhanças e diferenças nas imagens, mas houve ainda muitas conversas paralelas, entradas e saídas longas da sala de aula em meio a exposição e alguns comportamentos que desafiavam nossa posição frente à turma.
07/07/2025	Aula expositiva dialogada sobre Estado e Direitos Humanos.	Parte da turma participou, especialmente a aluna mais velha. Um casal ao fundo demonstrou desinteresse e resistência, utilizando o celular em volume alto.





<b>Dia</b>	<b>Atividade</b>	<b>Resultados</b>
21/07/2025	Revisão dos conceitos de Estado e realização de atividade avaliativa (glossário).	Grande parte dos alunos apresentou dificuldades para realizar a atividade. Alguns mexiam constantemente no celular e, mesmo quando nos aproximávamos para perguntar se precisavam de auxílio, não largavam o smartphone.
18/08/2025	Exibição do filme “Os Pecadores”, com dinâmica de integração (pipoca, bolo e refrigerante).	Os alunos demonstraram interesse e atenção ao filme. Houve resistência pontual por parte de uma aluna que utilizava o celular. O retorno geral foi positivo, alguns alunos disseram ter gostado muito do filme.
25/08/2025	Debate sobre o filme, com enfoque na música como forma de resistência e reflexão sobre segregação racial.	Os alunos participaram mais do que nas aulas anteriores e demonstraram maior interesse. Houve certa aproximação com a turma, inclusive com pedidos para repetir atividades semelhantes.
01/09/2025	Atividade avaliativa com músicas de denúncia social.	A participação foi significativamente maior. Os alunos compartilharam experiências pessoais profundas, como feminicídio e pobreza. Houve um grande avanço no vínculo e na escuta da turma.
22/09/2025	Resolução coletiva de questões do ENEM relacionadas às músicas trabalhadas.	Os alunos se mostraram participativos e envolvidos. Apesar de alguns terem dúvidas sobre várias questões, foi possível perceber que havíamos avançado no trabalho com a turma.
10/11/2025	Confecção de cartaz coletivo sobre mobilidade social.	Alunos novos se integraram bem à atividade. O casal ao fundo resistiu à participação e solicitou imagens específicas, incluindo uma arma, o que gerou reflexão posterior.
17/11/2025	Finalização do cartaz (atividade avaliativa), com aula e reflexão sobre estratificação e mobilidade social.	Os alunos refletiram sobre seus objetivos de vida e o papel do ensino superior. Fizemos reflexões sobre meritocracia e desigualdade de oportunidades. Houve relatos pessoais sobre conquistas e desigualdade de oportunidades.
24/11/2025	Passeio pelo Instituto de Ciências Humanas da UFPel e Campus das Artes.	Os alunos demonstraram interesse pelos espaços da universidade. A atividade gerou reflexões sobre o acesso ao ensino superior e despertou o desejo de cursar uma graduação, especialmente na aluna mais velha.
01/12/2025	Jogo sobre estratificação social (“Quem pode avançar?”).	O casal que costuma ficar ao fundo recusou-se a participar, mas os alunos envolvidos compreenderam a dinâmica e participaram das reflexões sobre desigualdades e privilégios.

Depois dos primeiros encontros, nossa percepção acerca da turma estava sendo calibrada, conversávamos muito sobre como mobilizar temática e conteúdos para que os estudantes participassem das propostas, pensando o plano de ensino, os temas mais relevantes para uma introdução à sociologia. Até que o clima em sala de aula e a sensação de fracasso, nosso, não dos estudantes, batesse em um teto.



Observamos durante muito tempo, conversando com alguns estudantes individualmente e levando adiante, de maneira natural, o diagnóstico da turma e seu contexto sociocultural. Muitos trabalhavam, muitos sabiam que precisariam trabalhar muito em breve. Alguns, nós encontrávamos no centro, vendendo balas de goma, outros não apareciam por uma semana, e quando questionados afirmaram que estavam cansados. Tentávamos ver para além de caras fechadas, reclamações e protestos, desrespeito e petulância, estudantes que não tinham o direito de serem apenas estudantes. Eram, desde já, aspirantes de uma classe social que vive do trabalho, e se portavam, mesmo na escola, a partir desta realidade.

A leitura do texto “Aprendendo a ser trabalhador” do autor inglês Paul Willis nos deu pistas sobre algumas percepções que fomos acumulando neste período, dentro de limitações, podemos interpretar a construção de algo semelhante à cultura contra-escolar, especialmente no que tange à uma “oposição cerrada, nos planos pessoal e geral, à autoridade” (WILLIS, 1991, p. 23). Por diversas vezes, nossos pedidos de silêncio nos momentos expositivos, nossas solicitações para que permanecessem em sala e não ficassem entrando e saindo, ou vários minutos nos corredores, ou ainda, gritando com colegas de outras turmas que estavam na porta da sala, foram ignorados com soberba e muita resistência.

Talvez nossa pouca diferença de idade, inexperiência e clara tentativa de construir laços horizontais de aprendizagem, refletiam neste comportamento. Mas mesmo com o professor supervisor e outros profissionais da escola, esse padrão era observado. Ali estavam estudantes dispostos a se provarem não pertencentes àquele lugar, propositalmente inadequados, desafiadores. Contrapor o que a escola representava, não ceder aquela possibilidade de que a educação traz mudança social e econômica, era sim uma forma de autoproteção, de se impedir de almejar mais do que estava-se predestinado à possuir.

Observamos com cada vez mais preocupação o desinteresse, o desrespeito e sobretudo a infrequência. Buscamos diálogo com a direção da escola para pensar estratégias de resgate, para que fosse possível encontrar formas de continuar o trabalho na escola, mas de maneira verdadeiramente significativa. Obtivemos o que Freitas (2009, p. 291) definiria como má-fé institucional: uma narrativa de que “a turma é realmente difícil, eles vêm de famílias e lugares muito complicados”, a naturalização das dificuldades materiais e de ordem familiar como características intrínsecas aquele grupo, que tinha como único destino o fracasso escolar.

Aqui somamos as percepções, os estudos teóricos e fizemos uma leitura final da turma com a qual nos deparamos. Depois desta conversa e de alguns diálogos precários e esparsos com alguns alunos, que nos apontaram insatisfação à suas próprias maneiras, e também de uma série de reuniões do grupo, quando discutimos os rumos da nossa relação com a turma,



concluimos que era preciso mudar a perspectiva. Não se tratava de uma turma de 1º ano do Ensino Médio, composta por estudantes habituados ao ambiente escolar e dispostos a aprender sociologia. Não. Aquela era uma turma de jovens feridos, negligenciados pelo sistema socioeconômico e punidos por isso dentro do sistema educacional, incapazes de esperar, e vendo, no tensionamento das relações e dinâmicas escolares, uma forma de resistir, ao mesmo tempo em que cediam, a ideia de fracasso escolar. Era, portanto, antes de mais nada, preciso reconstituir a relação humana.

Recalculamos a rota, lembrando-nos do que aprendemos naquela primeira roda de conversa com eles, quando várias menções à filmes de terror surgiram. Programamos uma noite de cinema. Bolo, pipoca e refrigerante. Depois dessa atividade, nosso foco se redirecionou, e nos dedicamos não mais ao conteúdo programático, mas em abrir caminhos para que pudéssemos dialogar humanamente com eles, provar que a escola pode ser um espaço de acolhimento, diverso e seguro. Nesse ponto, os ensinamentos de Paulo Freire guiaram muito de nossa prática, que se debruçou sobre construir, sim, autoridade, mas a partir de querer bem aos estudantes, construir a educação com boniteza. Essa parte tratou de provar à eles que eram seres inacabados, que cientes deste inacabamento tinham o direito e o dever de intervir no mundo, sendo protagonistas e escritores de seus futuros – e não destinos –, elucidando a educação como uma aliada nesse processo (FREIRE, 2009).

A próxima dinâmica seguiu essa máxima, e foi um dos maiores e mais significativos avanços de nossa experiência e de nossa relação com estes estudantes. Falamos sobre músicas. Três delas nos sensibilizaram profundamente: uma sobre desigualdade social, que pôs lágrimas no rosto de uma das alunas, mãe, trabalhadora, mais de 40 anos, que voltou a estudar e dividia a sala de aula com seu filho adolescente; outra sobre depressão, isolamento e solidão, que revelou um lado muito sensível e vulnerável de um aluno, sobre o qual sabíamos o contexto sociocultural precário e violento em que vivia, e a última sobre violência doméstica e feminicídio, que desmanchou as muralhas erguidas por uma das alunas mais emblemáticas e resistentes desse grupo, fazendo-a falar de si e de sua família, desculpando-se inclusive por seu recente comportamento, tantas vezes grosseiro, justificando-o através daquilo que expôs em particular, com o pedido de que o recado fosse passado ao resto de nossa equipe.

Depois desse grande avanço, seguimos e nos deparamos ainda com muitos desafios e oscilações. A turma mudou, alunos novos ingressaram, a melhora no relacionamento, especialmente com a aluna mais resistente, foi significativa, mas não linear. Por dias, interagimos com cumplicidade, por outros encontrávamos ainda algumas das barreiras que



havam sido baixadas anteriormente. Há um exemplo emblemático do que são esses avanços e retrocessos: na atividade de confecção dos cartazes, ela foi a aluna que solicitou a imagem de uma arma. Segundo ela, para matar quem à irritasse. Muito foi discutido sobre esse acontecimento, se aquilo seria motivo para preocupação, ou se não era mesmo algum tipo de ameaça. A verdade é que era ela sendo capaz de se expressar, mostrar parte de uma frustração profunda que sentia com o mundo, e fazê-lo frente a alguém que a compreendia, em quem ela confiava. Uma alternativa a arma teria sido oferecida, pensamos conjuntamente em esportes de luta, como maneira de extravasar esses sentimentos, mas ela não compareceu na sequência dessa aula.

Em outra situação, no dia do passeio, que havia sido um pedido dela, não estava com a autorização em mãos e afirmou que não havia pedido a assinatura da responsável, pois não desejava fazer o passeio. Foi possível notar a dor, a vontade de se excluir e não fazer parte de algo que sentia não merecer. Com um pouco de insistência e uma ligação da diretoria à sua avó, ela foi autorizada e arrastada ao passeio. Observamos que ela havia comentado sobre a atividade, e algo como um alívio transpareceu em seu rosto quando percebeu que alguém espiou através daquele comportamento arredo, e ela foi vista. Da atividade de encerramento, se recusou a participar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios de atuar no turno da noite no Félix da Cunha ensinaram muitas coisas, e abriram um sem número de perguntas sobre as mais diversas áreas da vida. Tentar elaborá-las é aqui o desafio. Mas não responder. As perguntas são aqui uma utopia, como para Pepe Mujica: servem para que possamos continuar em movimento, sempre atrás delas.

A experiência do PIBID como um conjunto, ensina à sua maneira que a docência é uma escolha difícil e constante, que mescla trabalho físico e mental, coletividade e solidão, e é marcada por tudo que qualquer outra profissão em um modelo de produção capitalista informacional é. Adoecimento, sobrecarga, exploração, precarização, disputa constante, barulhenta e difícil com tecnologias que avançam em um ritmo antinatural e com o qual nos relacionamos sempre com medo, desconfiança e curiosidade. Conciliar diferentes práticas pedagógicas, trajetórias acadêmicas e de vida tão distantes para a elaboração de um plano de aula, tarefa tão, mas tão distante da realidade das escolas brasileiras onde o professor é atomizado na sua área. São muitos desafios.

Por diversas vezes tudo isso pareceu maior do que se é possível administrar. Afinal, vidas reais estão sendo atravessadas pelo trabalho realizado por um grupo de jovens adultas se



experimentando em uma profissão. A prática como experimento, mas sempre acompanhada da percepção de que cada passo dado é um passo dado em direção à formação de estudantes que logo mais serão cidadãos, entregues à sociedade para trabalhar, votar, exercer seus plenos direitos, com a orientação daquilo que aprendem ou não na escola, nesse ambiente que se constrói em meio a esta experiência.

Formamos, todos nós que ainda se identificam enquanto estudantes, um coletivo em busca de autonomia. Cada um à sua maneira, em seu tempo. Encaramos adolescentes que buscavam autonomia negando a autoridade da escola, dos professores, e das pibidianas... Nos deparamos com nós mesmas, buscando autonomia na hora de construir uma proposta pedagógica, na hora de discordar da direção dessa proposta com a colega.

Várias vezes surgiram as preocupações em relação ao conteúdo programático, aos clássicos, aos vestibulares. Mas como tratar destas questões se não temos alunos? No amplo sentido. Os alunos não estavam presentes e, quando estavam, muitas vezes a presença era meramente física, ou ainda, na nossa opinião o pior cenário: estavam lá, mas não eram alunos. Me refiro aqueles que foram excluídos da categoria de *estudantes* e transferidos para a categoria *problema*, aqueles que há muito tempo não pertenciam aquele ambiente, não compartilhavam dos valores promovidos pela educação e não viam na escola algo que lhes pertencesse. Diante disso era, antes de tudo, necessário juntar pedaços. Um sorriso aqui, uma gentileza ali, uma cobrança que demonstra nossa preocupação e a importância daquelas pessoas para o processo educativo que estávamos construindo. Os passinhos de formiga foram incontáveis, e não lineares. E formaram a essência do que foi trabalhar com essa turma. Estávamos em busca de reconstruir, com afeto e – como diria o mestre Paulo Freire –, boniteza, o vínculo dessas pessoas com a educação.

Tudo isso deixa uma marca. As perguntas. Qual a extensão do dano de anos de exclusão da estrutura escolar na vida dessas pessoas? Qual o nível de reversão possível? O PIBID dá o pontapé inicial, apontando a urgência desse resgate. Quais são, então, as estratégias futuras? Se não tivéssemos optado por este olhar de resgate, humanização, quais seriam os resultados dos processos educativos? Eles teriam aprendido melhor o que sobre a interdependência pressuposta à noção de solidariedade orgânica em Durkheim? Como se vê o futuro dessas pessoas em um mundo que vai colocá-las para competir com jovens abastados, que foram educados sempre em ambientes respeitosos, estruturados? Existe alguém que ainda se pergunta isto?



## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, Lorena. **A instituição do fracasso: a educação da ralé**. In: SOUZA, Jessé (Org.). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 281-304.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

